



GUERRA NO LESTE EUROPEU

Ajuda bilionária

Conferência realizada em Paris, com participação de dezenas de doadores internacionais, anuncia um auxílio financeiro de aproximadamente R\$ 5,6 bilhões para que a Ucrânia, invadida há quase 10 meses pela Rússia, atravesse o inverno

Reunidos na capital francesa, dezenas de doadores internacionais — entre países e organizações — se comprometeram, ontem, em destinar imediatamente uma ajuda de 1 bilhão de euros (cerca de R\$ 5,6 bilhões) para que a Ucrânia enfrente o iminente inverno boreal, em meio à guerra com a Rússia. Na véspera de Natal, a invasão comandada por Vladimir Putin ao país vizinho completará 10 meses. “É um sinal poderoso de apoio de todo mundo civilizado”, celebrou o primeiro-ministro ucraniano, Denys Shmyhal, ao lado da chanceler da França, Catherine Colonna.

Depois dos encontros realizados em Lugano, Varsóvia e Berlim, a Conferência de Paris teve como preocupação principal neutralizar a estratégia adotada pela Rússia desde outubro de ataque à infraestrutura essencial ucraniana. De acordo com autoridades ocidentais, o objetivo de Moscou é levar sofrimento à população e enfraquecer a resistência.

Dessa forma, quase a metade do valor total das doações será destinada a reparos nos sistemas de fornecimento de energia (415 milhões de euros), de água (25 milhões de euros) e de transportes (22 milhões de euros), que, nos últimos tempos têm sido os alvos preferenciais dos bombardeios. Outros 38 milhões de euros serão usados em alimentação, enquanto 17 milhões de euros vão para saúde. O restante ainda será determinado, segundo a chefe da diplomacia francesa.

Covardia

“A Rússia atua de maneira covarde e tenta semear o terror entre a população com ataques às infraestruturas civis, o que são atos de guerra”, declarou o presidente francês, Emmanuel Macron, na abertura da conferência. A meta, insistiu, é ajudar os ucranianos a “resistir

AFP



Homem caminha ao lado de sacos de areia cobertos de neve em Lviv: infraestrutura ucraniana sob ataque

durante este inverno” às investidas da Rússia, cujo objetivo é “deixar o país na escuridão e no frio”. “Temos de investir em um esforço de reconstrução”, declarou o secretário-geral da ONU, António Guterres, em uma mensagem gravada.

O presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, falou aos representantes de 47 países que participaram do encontro por videoconferência. No discurso, detalhou as necessidades do país, que vão custar, de imediato, em torno de 800 milhões de euros, segundo seus cálculos.

“Precisamos de transformadores, de equipamentos para restaurar as redes de alta tensão, turbinas de gás (...) Nosso sistema de energia precisa de uma ajuda de emergência do sistema energético europeu, da importação

de energia elétrica de países da União Europeia para a Ucrânia, ao menos até o fim da temporada de calefação”, afirmou.

Em declarações à agência de notícias France Presse, o ministro ucraniano da Energia, Guerman Halushchenko, reforçou que suas prioridades são “equipamentos de alta tensão, como transformadores (...) porque estão entre os alvos mais visados pelos russos”.

De acordo com o premiê ucraniano, a Agência Internacional de Energia Atômica (OIEA) mobilizará missões para “garantir a segurança” de cinco centrais nucleares, incluindo a de Zaporizhzhia, hoje sob ocupação do Exército russo. Denys Shmyhal disse ainda que os bombardeios russos destruíram entre 40% e 50% da rede de energia, mas que, com

essa ajuda, o país “não mergulhará na escuridão”.

A promessa de ajuda chega em um contexto energético “difícil”, de acordo com o operador nacional ucraniano do setor, Ukrenergo. Além de o déficit de eletricidade continuar significativo, a deterioração das condições meteorológicas complica a “distribuição e o trabalho das equipes de reparo”.

Ausência

A China é a grande ausente do evento, segundo uma fonte diplomática. Ao ser perguntada a esse respeito, a chanceler francesa disse que o governo de Xi Jinping não foi convidado. A reunião contou, em contrapartida, com a presença de embaixadores dos países do Golfo e da Índia, símbolo de uma

solidariedade que supera as fronteiras europeias e norte-americanas.

O Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Mundial também estão representados, mas não são aguardados novos anúncios por parte de ambas as instituições. Mais de 700 empresas francesas, de gigantes do mercado de ações a startups do setor digital, participaram da iniciativa, voltada, principalmente, para o longo prazo, enquanto a guerra continua.

Passados quase 10 meses desde a invasão, a economia ucraniana registrou uma contração de 33%. Com os recentes ataques, estima-se que poderá se aproximar de 40%. Na segunda-feira, os líderes do G7 decidiram, em uma cúpula virtual, criar uma plataforma para coordenar a ajuda financeira à Ucrânia.

Deputada destituída

O Parlamento Europeu destituiu, ontem, do cargo de vice-presidente a eurodeputada grega Eva Kaili, presa no fim de semana sob acusação de corrupção. A reação enérgica visa a resgatar a credibilidade da instituição, afetada por esse escândalo. A remoção foi aprovada em plenário por 625 votos a um, e duas abstenções.

Uma investigação do Ministério Público belga provocou a detenção e indiciamento de Kaili e de outras três pessoas por suspeitas de que receberam grandes quantias de dinheiro de um “Estado do Golfo Pérsico”, que seria o Catar, para defender os interesses do país no Parlamento Europeu. Uma das atribuições dela como vice-presidente era representar a presidência do Parlamento no Oriente Médio.

A eurodeputada, de 44 anos, foi presa depois que investigadores encontraram, em sua residência, bolsas repletas de dinheiro. A parlamentar alega inocência. “Eva Kaili não tem nada a ver com o financiamento do Catar, nada, explicitamente e inequivocamente. Essa é a posição dela”, declarou seu defensor, o advogado Michalis Dimitrakopoulos, ao canal de televisão grego OPEN. Ele acrescentou ainda que sua cliente “não exerceu nenhuma atividade comercial na sua vida”.

O escândalo representa um golpe brutal para a credibilidade do Parlamento Europeu, que costuma tomar a iniciativa e denunciar casos de corrupção. A conservadora Roberta Metsola, de Malta, que comanda a instituição, expressou “fúria, raiva e tristeza” com o caso, já apelidado de “Catargate”. “Pediremos mais transparência nas reuniões com estrangeiros”, disse.

PORTUGAL

Chuvas provocam inundações e destruição

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — Depois da temporada de incêndios, no verão, que fez estragos e deixou vários mortos, Portugal enfrenta, agora, chuvas torrenciais, que deixaram metade do território luso debaixo d’água. As perdas são enormes e exigirão uma ação coordenada por todos os níveis de governo para minimizar os prejuízos de famílias e empresas. Muitas pessoas perderam as casas e empresários viram seus negócios serem engolidos pela lama. A capital portuguesa foi uma das regiões mais afetadas. Nas últimas 24 horas, choveu o esperado para todo o mês de dezembro. Na semana passada, as tempestades já haviam provocado inundações.

De Norte a Sul de Portugal, os alagamentos se tornaram frequentes. A situação se complicou de uma tal forma, que prefeitos de várias cidades pediram aos cidadãos que não saíssem de casa, pois os riscos de acidentes eram grandes. Escolas suspenderam as aulas, boa parte do comércio fechou, estradas tiveram de ser interditadas, serviços de transporte marítimo foram limitados e empresas recomendaram a seus funcionários que trabalhassem de casa. A perspectiva, segundo o chefe da Defesa

Civil, André Fernandes, é de que as chuvas continuem a provocar inundações até pelo menos quinta-feira. O Natal, segundo ele, será debaixo d’água.

Proprietários de lojas e unidades industriais fazem as contas das perdas, sem saber ao certo como retomarão seus negócios. Pelos cálculos da brasileira Sílvia Caetano, dona da Light Design, totalmente destruída, seu prejuízo passa de 500 mil euros (R\$ 2,8 milhões). Entre as famílias, o lamento é grande. Muitas ficaram sem ter onde morar da noite para o dia. As casas foram soterradas pela lama, móveis e eletrodomésticos se perderam. Em algumas regiões, os Bombeiros tiveram de agir rápido para resgatar cidadãos que não conseguiram sair das residências, totalmente bloqueadas. Houve também pedidos para socorro a animais.

Contando prejuízos

O prefeito de Lisboa, Carlos Moedas, conclamou o governo federal a liderar o processo de recuperação das cidades e a construir um túnel para melhorar o escoamento de água na capital. O primeiro-ministro de Portugal, António Costa, disse não ser possível ainda acionar o Fundo de Solidariedade da União Europeia, causando a ira de políticos da oposição e mesmo de

AFP



Bombeiros e socorristas checam casas e lojas em rua alagada na capital: situação calamitosa

integrantes de seu partido, o PS. “Acionaremos se e quando estiverem verificados os requisitos”, afirmou. “Portugal acionou

(o fundo) sempre que se verificaram os requisitos para fazê-lo. Ora, o primeiro requisito é conhecer as estimativas de danos.

Portanto, não é possível acioná-lo sem previamente apurar o montante dos danos”, frisou.

Os climatologistas atribuem

as chuvas torrenciais às mudanças climáticas e reconhecem que são inevitáveis. Portugal, vinha enfrentando um longo período de seca, com incêndios gravíssimos, agora, está sendo obrigado a lidar com tempestades pesadas. Segundo eles, esses eventos extremos serão cada vez mais frequentes. A recomendação é que os governos se antecipem aos fatos e criem estruturas consistentes para minimizar os efeitos sobre a população. Um sistema de drenagem eficiente é fundamental. Cidades como Lisboa cresceram demais e não se prepararam para a nova realidade. “Estamos conscientes do que é preciso fazer para evitar tantos transtornos à população”, assinalou Moedas.

As cenas de destruição assustaram a população, que foi surpreendida com a força das águas. Todos os rios do país, que, até bem pouco tempo, estavam quase vazios, atingiram níveis máximos e estão transbordando. Não à toa, muitos carros foram arrastados e túneis, alagados. O pedido do governo é para que se evite a circulação nas áreas mais afetadas pelas chuvas, como Lisboa e Alentejo, que fica na região metropolitana da capital. “Pedimos calma a todos, mas também recomendamos que fiquem longe das áreas mais afetadas”, complementou o chefe da Defesa Civil.